

POSSESSING HER — LIVRO DOIS

AGORA

QUE ÉS

MINHA

MORGAN BRIDGES

TOP  
SEL  
LER

*Para quem quer muito smut...  
Não têm de quê.*

Podem encontrar uma lista de *trigger warnings* no meu website:  
<https://www.authormbridges.com/>

Bem-vindos ao Lado Negro.

# Capítulo 1

## Calista

*Não consigo fazer isto.*

A dor emocional da traição do Hayden trespassa-me. O meu corpo é abalado por tremores e as pérolas na minha mão tilintam umas de encontro às outras. O som ténue ecoa como o bater de um tambor. Ou será o meu coração? Podia jurar que parou de bater no instante em que ele entrou na *penthouse*.

E parecia desesperado por me tocar.

Inspiro profundamente para me fortalecer e levanto o queixo. Se não o confrontar agora, nunca o farei.

— Onde arranjaste isto, Hayden? — Repito a pergunta que fiz há um instante, ainda com voz trémula, apesar da minha firme determinação. — Preciso de saber.

Ele sustenta o meu olhar, e o desprendimento nos seus olhos destrói-me.

— Tu já sabes — responde.

Abano a cabeça em negação ou em resposta, não estou certa de qual.

— Não, o que eu tenho é uma suspeita que precisa de confirmação.

— Que queres que diga, Calista?

Estremeço quando ele me trata pelo nome e não pelo diminutivo. A minha expressão endurece rapidamente e eu cerro a mão em torno das pérolas antes de a levar à cintura.

— A verdade. É tudo o que quero de ti.

— Tu não sabes o que queres. — Desvia o olhar numa rara demonstração de incerteza antes de continuar: — E não importa, enquanto eu não descobrir quem é o responsável pela agressão que sofreste.

Num piscar de olhos, a minha agonia transforma-se em fúria.

— *O quê?*

O Hayden volta a sua atenção para mim. Desta feita com todo o peso do seu olhar, que pousa em mim, pressionando-me por inteiro até me fazer curvar os ombros. Os pensamentos não verbalizados que lhe percorrem a mente tornam o silêncio ensurdecedor, e quase desejo não o ter confrontado.

— Não importa — responde, apertando a ponte do nariz. — Manter-te segura é a única coisa que me interessa.

— Como é possível estar segura contigo quando és *tu* quem me tem perseguido?

— Fi-lo para te proteger. Se o aceitas ou não, é um direito teu.

— Explica-me como é que fazeres-me borrar de medo foi para minha proteção — protesto.

— Tento na língua, Cal...

— Que se foda a língua e também essas respostas indiretas — respondo, quase num grito. — Diz-me como é que alguém pode justificar entrar no meu apartamento, roubar as minhas merdas e, depois, ter a lata de me dizer que foi para o meu bem.

Os olhos do Hayden brilham antes de me agarrar pelos ombros e me puxar para si.

— Não percebes como estavas vulnerável ao caminhares pela cidade à noite? Sabes o que podia ter acontecido se eu não estivesse lá a olhar por ti? Ou essa é uma verdade que não queres reconhecer?

Empurro-lhe o peito. Tem a mesma eficácia que empurrar uma montanha, e baixo os braços em sinal de derrota, ainda com a mão cerrada sobre as pérolas.

— Não tinha alternativa — argumento. — Estou certa de que é fácil fazer julgamentos na tua *penthouse*. Podes dizer o que quiseses,

mas não acredito que a minha segurança seja a única coisa que está em causa aqui.

Ele baixa a cabeça até o seu rosto ficar a centímetros do meu, a sua respiração a misturar-se com a minha.

— Eu queria comer-te — admite, num tom gutural e profundo.  
— Desejava-te mais do que alguma vez desejei uma mulher na minha vida. Entrei no teu apartamento e levei o colar para me impedir de levar o teu corpo. Por isso, sim, eu queria manter-te a salvo do mundo, mas também de mim e do que te faria.

— E agora que me comeste? Já te passou a obsessão?

Ele solta uma gargalhada sardónica que me provoca um formigueiro na pele.

— Se passou? Oh, não, meu doce passarinho, a minha obsessão por ti só se agravou.

As suas palavras fazem o meu coração disparar como se eu tivesse tomado uma injeção de adrenalina. A ideia de o Hayden olhar por mim como um guarda-costas com uma perturbação mental provoca-me um latejar incessante nas têmporas, que me faz cerrar os dentes e inspirar profundamente. Com todo o meu corpo rígido, exceto pelo subir e descer do meu peito, fico imóvel, incapaz de qualquer coisa que não seja sentir-me esmagada pelo desejo que o Hayden sente por mim.

E pelo medo que sinto dele.

Não creio que ele me magoasse fisicamente. As coisas que mais me assustam são a profundidade e a intensidade do seu compromisso. Será que sou capaz de aceitar esse seu lado? Será que quero?

— Alguma vez me dirias? — pergunto, num murmúrio.

— Não.

A verdade da sua resposta é como uma bofetada, e recuo nos seus braços.

— Como posso confiar em ti, quando sei que me irás mentir?

— Vou mentir, enganar, roubar e matar, se for o necessário para ficar contigo. Tu és tudo o que importa para mim.

— Mesmo que te odeie por isso?

Ele estremece perante a pergunta, como se tivesse sido baleado no peito.

— Podes odiar-me agora, mas não para sempre.

— Não podes controlar isso, Hayden.

— É verdade — responde por entre os dentes cerrados. — Mas posso controlar tudo o resto.

Baixo a cabeça, não querendo que ele veja a agonia que certamente está presente no meu olhar. Este homem admitiu que queria possuir-me, e eu fugi. Terei forças para tentar de novo? Fará diferença quando as hipóteses de sucesso são mínimas e uma parte de mim não quer ir-se embora? Nunca percebi como pode uma pessoa amar e odiar alguém em simultâneo, mas o Hayden esclareceu-me.

— Deixa-me ir — digo em voz calma, apesar do turbilhão que vai dentro de mim.

O Hayden leva o indicador ao meu queixo e levanta-me a cabeça.

— Nunca — responde.

Ergo o olhar para ele sem me dar ao trabalho de dissimular a fúria que sinto.

— Não quero que me toques neste momento.

— Menina Green, gostava que tentasses impedir-me.

A futilidade da minha situação espalha-se como vapor a ponto de me deixar em brasa. Tento libertar-me, mas ele segura-me com demasiada força, o que me deixa ainda mais frustrada. Num derradeiro esforço para me libertar, atiro as pérolas contra ele. Os globos iridescentes atingem-no no rosto e no peito, de onde ressaltam para o chão, a tilintar.

Ele liberta-me. Aperto os lábios para impedir o meu queixo de cair, incapaz de acreditar que resultou. Sem as suas mãos sobre mim, o meu pensamento torna-se mais claro e consigo pôr esta situação lixada em perspetiva.

— Hayden, eu gosto de ti. Mais do que gostaria de admitir neste momento. — Sinto um aperto no estômago quando ele franze o sobrolho em reprovação. — Mas tens de ver as coisas da minha

perspetiva. Gostarias que alguém violasse a tua confiança e invadissem a tua privacidade?

— Tem tudo que ver com a motivação. Se uma mãe matar alguém por fazer mal ao seu filho, tu condena-la?

— Isso é diferente — respondo, fazendo que não com a cabeça. — Ela não magoou a pessoa que ama. — Ele fica rígido ao ouvir-me. — Não interessa se admites ou não, magoaste-me com os teus atos. Preciso de tempo para...

— Para quê? — pergunta em tom incisivo.

— Para perceber se consigo ultrapassar isto.

— E se não conseguires? — pergunta o Hayden com um sorriso escarninho, e a expressão de troça eriça-me os pelos dos braços.

— Eu... não sei.

— Permite que seja claro, menina Green. Não é uma opção. — Inclina-se para diante, colando os lábios ao meu ouvido. — Podes fugir, mas eu irei *sempre* atrás de ti.

Dou um passo atrás e ele levanta a cabeça, seguindo todos os meus movimentos com o olhar enquanto cruzo os braços. A ação não é mais do que uma tentativa dissimulada de erguer uma barreira entre nós, mas preciso de me afastar dele de qualquer modo que consiga.

— Podes perseguir-me fisicamente, mas aqui? — insisto, apontando para a têmpora. — Este é um lugar onde não me podes perseguir, fazas o que fizeres.

Ele franze o sobrolho e perde a expressão confiante. Os seus olhos azuis brilham de incerteza e de algo que eu nunca tinha visto: medo. Um medo que me fere, abrindo rachas na fachada de coragem com que me protejo.

— Hayden — digo, tentando manter a voz séria —, não há mais nada para falar. Estamos num impasse. — Ele não se mexe, nem para me dar a saber que ouviu o que eu disse. Ou talvez seja propósito, para mostrar a sua discordância. — Por mim, já chega, vou dormir — remato.

— Mas não comeste — protesta ele.

— Não consigo comer quando estou perturbada — continuo, com um encolher de ombros.

«Perturbada» é capaz de ser o eufemismo do ano. O meu cérebro está tão confuso que nem sei se consigo mastigar e engolir a comida sem me engasgar. Da forma como os meus pensamentos me martelam o cérebro, duvido que seja capaz de dormir esta noite.

— Vais comer, nem que tenha de te enfiar a comida na boca à força — insiste ele, sem que o seu tom deixe espaço para discussões. — Podes caminhar até à cozinha, ou posso carregar-te até lá, mas vais de uma maneira ou de outra.

Uma indignação justa faz-me levantar o queixo com uma fun-gadela graciosa.

— Muito bem — respondo.

Não espero por ele. Os meus pés descalços enterram-se na car-pete fofa a cada passo até chegar aos mosaicos frios da cozinha. A mudança brusca de temperatura sob as plantas dos pés provoca-me um arrepio, mas não mais do que o homem predador que me segue. Embora não o consiga ouvir andar, consigo senti-lo. Consigo sempre.

— Tens alguma preferência para esta noite? — pergunta-me.

— Não interessa o que me possas servir — respondo, voltando-me para ele e abanando a cabeça. — Não vou gostar.

— Vais gostar de tudo o que eu puser nessa boca linda, menina Green. — Dirige-me um sorriso trocista ao ver-me cerrar os lábios. — Senta-te.

Já ferido pelas suas mentiras, o meu orgulho assume o comando. Cruzo os braços e dirijo-lhe um olhar penetrante. Ele semicerra os olhos até serem pouco mais do que duas nesgas.

— Senta-te — diz apenas.

Continuo a enfrentar o seu olhar, apelando à minha força inte-rior para que não se desvaneça. Recuar não é opção. Não quando este homem tomou posse de mim de mais maneiras do que quero admitir. Está em cima de mim num piscar de olhos, movendo-se demasiado depressa para o meu cérebro processar. Deixo escapar

um guincho quando sinto as suas mãos agarrarem-me a cintura. Pousa-me sobre a ilha, os seus dedos enterrando-se no tecido das minhas calças de ganga. Preferi vesti-las com uma blusa simples, em vez da roupa do Hayden. Depois de encontrar as pérolas no bolso dele, mal podia esperar para me livrar do seu casaco.

Lanço-lhe um olhar furioso, incapaz de manter a respiração regular quando a agitação se apodera de mim. O meu peito sobe de cada vez que inspiro, e o olhar dele pousa na sugestão de decote do meu *top*. Resisto ao impulso de puxar a gola para cima.

— Os meus olhos estão aqui.

— Não vou pedir desculpa — responde, contraindo os lábios.

— Nesse caso, o que estás a fazer?

— Estou a certificar-me de que ficas quieta.

— Não vou a lado nenhum — respondo, bufando.

— É bom saber que aceitas o inevitável — sentencia —, porque agora és minha.

# Capítulo 2

## Calista

As palavras do Hayden envolvem-me como uma faixa, sedosas, mas prendendo-me.

Ele observa-me por um instante, como se me desafiasse a saltar da ilha. Já arrisquei fazê-lo e descobri que não estou interessada noutra aula.

Antes que eu consiga pensar numa resposta, ele dirige-se para o frigorífico e tira de lá um tabuleiro cheio de fruta, queijo e bolachas. As cores vivas são demasiado alegres para a atmosfera cheia de tensão. Tal como a decoração a preto e branco à nossa volta, eu e o Hayden somos completamente opostos. Enquanto ele é dominador e severo, eu sou atenciosa e terna.

Num mundo perfeito, seríamos o complemento um do outro.

Num mundo marado, causaríamos a devastação um do outro.

Ele pousa a comida perto de mim e eu contemplo-a sem emoção. Não menti quando disse que tenho dificuldade em comer quando sinto stress. Entre a perda do meu pai e a minha recente situação financeira, estou mais magra do que alguma vez estive. Ninguém diria, pela maneira como o Hayden olha para mim.

Como neste momento.

Depois de pegar numa bolacha de água e sal e de lhe colocar uma fatia de queijo em cima, estende-a na minha direção. Faço que não com a cabeça. Vigorosamente. Tudo o que ele faz — exceto ser

um parvalhão enganador — é sensual. Raios me partam se o deixo seduzir-me com a porcária de um pedaço de queijo. Aceitar fosse o que fosse da sua parte seria o equivalente a uma rendição.

— Eu posso fazer isso sozinha.

— Eu sei.

— Hayden... — aviso.

— Ou é isto — diz ele, erguendo a mão com a comida — ou a minha pila. A escolha é tua.

Fico de queixo caído. Ele aproveita-se rapidamente do meu espanto e mete-me a bolacha na boca. Dirijo-lhe um olhar mortífero enquanto mastigo, apreciando silenciosamente o sabor intenso que me cobre a língua.

— Linda menina — murmura.

Engasgo-me, arregalando os olhos. Depois de me obrigar a engolir a comida, volto a olhar para ele do mesmo modo. O Hayden pega num morango e morde-o lentamente, sem que o seu olhar se desvie do meu. O sumo escorre pelos seus dedos compridos e eu fico com a boca seca ao lembrar-me do que ele me fez com eles.

— Os meus olhos estão aqui em cima — observa, arrastando as palavras indolentemente.

Apanhada a olhá-lo com desejo, endireito-me e desvio o olhar. Ele é rápido a pôr um dedo sob o meu queixo e a puxar a minha cabeça na sua direção.

— Abre — diz. As suas pupilas contraem-se quando abro os lábios. — Mas que linda menina.

Sinto-me percorrida por uma onda de calor ao ouvir o elogio. A excitação combina-se com a raiva, deixando-me excitada e trémula. Cerro as coxas e concentro-me em tudo menos no homem que tenho diante de mim, mas ele insiste em reclamar de novo a minha atenção com cada toque e com cada palavra que pronuncia.

Obrigo-me a permanecer imóvel até ter ingerido uma quantidade considerável de comida, após o que desço para o chão antes que o Hayden me possa impedir. Depois de correr para o outro lado, deixando a ilha entre nós, abano a cabeça.

— Estou cheia.

Ele pousa o pedaço de ananás que tem na mão e pega num guardanapo para limpar os dedos.

— Nesse caso, está na hora de ir para a cama.

— Não vou dormir contigo.

— Importas-te de repetir? — pergunta, levantando a cabeça de repente.

— Não.

— Bem me parecia — diz ele, com um brilho de contentamento no olhar.

— Estou a falar a sério. Preciso de tempo para pensar.

— E podes tê-lo. Na minha cama. Comigo.

Quase bato o pé como uma criança petulante.

— Não me estás a ouvir — protesto.

— Não tenhas dúvidas de que estou. Simplesmente, estou a recusar a tua sugestão.

— Não é uma sugestão, nem um pedido, nem nada que necessite de permissão, porra.

— Tento na língua, menina Green.

Solto um grito sincero. O som ricocheteia nas paredes e nos móveis, perfurando-me os tímpanos com força suficiente para me obrigar a parar. Quando aperto os lábios, o Hayden inclina a cabeça.

— Sentes-te melhor? — pergunta, num tom ao mesmo tempo imperturbável e de repreensão.

— Nem por isso.

— Anda cá.

Não é um pedido.

— Porquê? — pergunto, olhando-o desconfiada.

— Pareces exausta.

— Tive um dia bastante emocionante. — Não me dou ao trabalho de disfarçar o meu tom sarcástico. — Com que frequência uma rapariga descobre que o homem com quem vive é o mesmo que a persegue?

— Quantas vezes é que um homem descobre uma mulher por quem destruiria o mundo?

Baixo a cabeça e solto um suspiro de derrota ao mesmo tempo que fecho os olhos por um instante, ignorando o modo como o coração me pula no peito.

— Para. Não consigo fazer isto contigo agora.

— Anda cá, Callie.

O seu tom é suave e gentil, calmante para a minha alma magoada. Bato com as mãos no topo da ilha para me impedir de ir ter com ele. Para me impedir de aceitar o conforto que me é oferecido por um monstro.

— Preciso de ficar sozinha — insisto, com voz fraca e pouco audível. Sempre que recuso o Hayden, abre-se uma nova brecha nas minhas defesas contra ele. Quando ele é dominador, consigo remendar os buracos na minha armadura, mas quando exhibe o seu lado terno...

Enfraquece-me.

— Por favor.

A minha súplica pouco mais é do que um murmúrio, o que resta da minha rebeldia reduzida a um monossílabo de fraqueza e de desespero.

O Hayden encara-me do outro lado da ilha, fisicamente muito perto, mas emocionalmente muito distante. O abismo interpõe-se entre nós, uma presença que paira sobre a nossa relação. Reste dela o que restar.

O homem lindo que tenho diante de mim engole com dificuldade antes de soltar um suspiro áspero.

— Muito bem — assente.

Não lhe pergunto o que quer dizer. Em vez disso, aproveito esse breve alívio e contorno a ilha. E também a ele. Assim que os meus pés encontram a tapete, dirijo-me para o quarto de hóspedes, algumas portas a seguir ao quarto do Hayden.

Sinto um formigueiro na coluna durante todo o caminho e os meus sentidos esforçam-se por detetar algum vestígio de que ele

me segue. Quando chego ao corredor, detenho-me e arrisco olhar por cima do ombro.

O Hayden está exatamente onde o deixei, na cozinha. A tensão reveste a sua figura por completo. Está totalmente imóvel, mas não é isso que me rouba o fôlego. O homem está agarrado ao tampo da ilha com a cabeça baixa, com o corpo numa posição de derrota e de absoluto desespero.

Mordo a bochecha por dentro para me impedir de o chamar. Ou pior, de voltar para junto dele. Posso gostar do Hayden, mas nunca resolveremos o nosso problema se ele não perceber como o seu comportamento me magoou.

Preciso de toda a minha força de vontade para voltar a cabeça e dar um passo. Uma vez em movimento, acelero até me encontrar no quarto vazio, com a porta fechada e trancada.

A minha boca abre-se num sorriso sombrio quando me encosto pesadamente à porta. O Hayden pode ficar zangado por eu me ter trancado no quarto, mas não me deu alternativa. Preciso de um instante de paz.

Não que acredite que um simples mecanismo de metal o possa impedir de chegar até mim. É garantido que não resultou no meu apartamento.

Solto um gemido e deixo-me escorregar porta abaixo até o meu rabo encontrar o chão. Encostando os joelhos ao peito, apoio neles a cabeça e abraço as pernas. Enrolada num novelo apertado, deixo que as lágrimas corram.

Choro por causa do meu coração maltratado.

Choro pela minha confiança perdida.

Choro pelo meu futuro sombrio.

Como hei de ultrapassar as mentiras do Hayden? Será sequer possível? Não faço ideia. O assustador desconhecido mistura-se com a agonia que sinto, dando origem a uma ansiedade insuportável. Os meus soluços tornam-se mais desesperados. Todo o meu corpo não passa de uma coleção de ossos e pele firmemente unidos enquanto me sinto desmoronar por dentro.

Como é que uma pessoa pode ser responsável por tanta dor?

Estremeço e isso faz a minha coluna roçar a superfície de madeira atrás de mim, com o som *staccato* como banda sonora da minha infelicidade. Cada tremor e cada lágrima são uma manifestação do meu coração que sangra enquanto luta para bater, apesar de eu inspirar.

Sinto a presença do Hayden antes de o ouvir falar.

— Querida?

O termo carinhoso faz a minha alma chorar. Mordo a mão até sentir o sabor de sangue na língua.

Não o posso procurar, não quando fui eu quem pediu espaço. Mas ouvir a sua voz e a preocupação latente? Sou como uma viciada que quer droga, sabendo que só me fará mal.

O silêncio carregado torna-se mais pesado a cada segundo que me recuso a falar. Os meus soluços cessam imediatamente com o Hayden do outro lado da porta. Não os contenho por causa dele. Faço-o por mim.

Não lhe darei motivo para quebrar a fechadura dos últimos vestígios da minha dignidade.

Solto um suspiro de alívio quando ouço os seus passos que se afastam. Posso ter contido a respiração quando nada mais havia entre nós do que sete centímetros e meio de madeira, mas as lágrimas continuaram a cair-me pelo rosto. Às vezes sinto que nunca irão parar. Mas, como todas as coisas, chegam ao fim.

Deito-me no chão, sem querer saber de conforto ou de qualquer outra coisa enquanto procuro o alívio feliz que se encontra no sono. Fechando os olhos, concentro-me no bater do meu coração em vez de no homem na outra ponta do corredor.

Mas o meu cérebro recusa-se a colaborar. Posso ter dito ao Hayden que ele não voltaria a invadir a minha mente, mas menti.

Aquele homem persegue-me nos meus sonhos.

Transformando-os em pesadelos.

# Capítulo 3

## Hayden

O dia todo foi uma valente confusão.

Agarro a beira da bancada até os meus braços tremerem e os músculos me doerem. Este pequeno desconforto não é nada comparado com a frustração que corre através de mim como lava derretida, incinerando o meu interior com culpa. Quero arrancar essa emoção do meu peito, mas violência alguma me libertará desta emoção indesejável.

A minha única esperança de encontrar serenidade reside numa mulher que me despreza.

Afasto-me da ilha da cozinha e entro na sala de estar. Os meus pensamentos estão tão dispersos como as pérolas espalhadas pelo chão. Baixo-me para apanhar as joias e censuro-me por não ter tido mais cuidado ao escondê-las. Se não estivesse tão obcecado por encontrar o agressor da Calista, não me teria esquecido das pérolas no casaco.

Numa questão de minutos, estão de volta ao meu bolso. *Todas* as sessenta e quatro. contei o total na noite em que invadi o apartamento da Calista. Queria saber quantas vezes seria necessário foder comigo até lhas devolver. Acontece que não precisei de tantas.

Mas é possível que precise agora.

Por vontade própria, a minha cabeça volta-se para onde ela acabou de sair, os meus olhos famintos por um vislumbre dela.

O corredor está vazio. A minha decepção aumenta, bem como o meu desejo por ela. Depois de ter descoberto a ligação da droga da violação aos três crimes, quis aliviar a preocupação que sentia no fogo da cona dela e no calor do seu abraço, mas o olhar que ela me dirigiu quando entrei pela porta...

Abano a cabeça como que para me livrar da imagem. Na minha mente, a Calista olha para mim com algo pior do que raiva. A dor da traição. Naquele momento, teria dado qualquer coisa para apagar essa dor da sua expressão. Testemunhá-la foi agonia em estado puro, mas saber que sou eu o motivo?

É brutal.

Não pedirei desculpa por a perseguir. Mentiria se o fizesse, e já lhe disse mentiras suficientes. Isso não significa que lhe vá revelar a verdade sobre o homicídio do pai. Se a Calista acha que me odeia agora, saber isso arruinaria qualquer hipótese de eu conquistar o seu coração.

O mais provável é que já tenha dado cabo das minhas hipóteses com ela.

Mas não desistirei. Não posso, não quando ela é a minha razão de viver. Antes dela, eu limitava-me a existir. Agora que sei como é receber o seu afeto, não posso voltar àquilo que era antes.

A vingança não é suficiente.

É possível que nunca tenha sido.

A minha necessidade de obter justiça ainda se faz sentir. Se tanto, ampliada pela história da Calista. O homicídio da secretária levou-me a matar o senador Green, o que, por sua vez, deu cabo da vida da Calista. Vou corrigir as coisas, não importa quanto tempo demore.

A única coisa mais forte do que a minha determinação é a necessidade que sinto dela.

Olho pela janela, percorrendo o horizonte da cidade com o olhar. As luzes combatem a escuridão da noite e lançam um brilho sobre tudo o que tocam. É isso que a Calista faz comigo. Ela lança luz sobre a minha alma sombria.

Uma batida abafada chega-me aos ouvidos e eu inclino a cabeça, concentrando-me no ruído. Endireito-me e sigo o som até ficar diante da porta do quarto de hóspedes, onde o consigo ouvir claramente.

Juntamente com os soluços da Calista.

Sinto-me destruído e quase me dobro para diante. Em vez disso, mantenho-me completamente imóvel, sem saber o que fazer. O instinto exige-me que arrombe a merda da porta, mas não posso ceder aos meus impulsos.

Também não a posso ouvir sofrer.

Levanto a mão para bater à porta, mas acabo por a deixar cair junto ao corpo. Esta pode ser a minha casa, mas, neste momento, a Calista detém todo o poder sobre esta situação. Sobre *mim*.

Inspiro profundamente e exalo lentamente antes de a chamar.

— Querida?

A palavra pronunciada de modo gentil apanha-me de surpresa. Estou ciente de que já usei este termo carinhoso com ela, mas usá-lo neste momento é uma prova da minha vulnerabilidade no que respeita a esta mulher. Saberá a Calista que me pode pedir qualquer coisa, que eu não terei forças para lha negar, se isso significar que ela volta para mim?

Ranjo os dentes. Apesar do nosso desentendimento, ela pertence-me. Não consigo imaginar outra coisa. É simplesmente inaceitável.

Estar sem ela não é opção para mim.

Ou para ela.

Preciso de recorrer a toda a minha força de vontade para me afastar dos sons do seu sofrimento. Uma vez no confinamento do meu quarto, ando de um lado para o outro para sossegar as emoções conflituantes que rugem dentro de mim. Os olhos marejados de lágrimas da Calista assombram-me e os seus soluços ecoam-me nos ouvidos até eu agarrar o meu cabelo, pronto para o arrancar do escalpe.

As coisas têm de voltar a ser como eram. Não imagino nunca mais voltar a ver o seu sorriso ou ouvir as suas gargalhadas. Quando conheci a Calista, durante o julgamento do seu pai, quis saber tudo

a seu respeito. Só por altura do funeral do senador me dei permissão para o fazer.

A Calista tem em si uma bondade que a vileza do trauma que sofreu não conseguiu matar. Descobri a pureza do seu coração e, em seguida, procurei protegê-la ao longo de todos estes meses. Nada mudou. Se isso significa recorrer ao embuste, que assim seja.

A raiva e a dor que sente desaparecerão com o tempo. Tem de ser assim. Eu agi com boa intenção. A minha única motivação era mantê-la segura. A Calista não consegue perceber isso agora, mas acabará por perceber.

Tem de perceber.

Espero o mais que posso antes que a vontade de ir ter com ela se torne insuportável. Depois volto para junto da sua porta com a minha gazua na mão. A minha necessidade de saber como ela está supera a necessidade que ela sente de privacidade. Assim que souber que ela está bem, terei a garantia de que preciso para me afastar.

Céus, sou um tretas de todo o tamanho.

A Calista vai dormir na minha cama, em mais lado nenhum.

Toda a *penthouse* se encontra envolta num silêncio sombrio. Não se ouvem soluços nem o bater ritmado na porta. O único som que se ouve é o clique da fechadura a abrir e o rodar do puxador que aciona o mecanismo da porta.

Abro-a e perscruto a escuridão. O luar ilumina o quarto, o que me permite distinguir a cama por abrir e a cadeira vazia. Com a pulsação a bater forte junto aos meus ouvidos, vasculho rapidamente a zona e o meu olhar pousa na mulher enrolada aos meus pés.

Depois de me agachar, encosto os dedos ao seu pescoço e solto um suspiro de alívio ao sentir o pulso firme. A Calista não se mexe com o meu toque, o subir e descer do seu peito continua num ritmo regular.

É linda quando dorme.

Afasto-lhe uma madeixa de cabelo solta da cara, quase gemendo ao sentir o contacto com a sua pele. Tocá-la não é apenas agradável para mim. É terapêutico que se farta.

O turbilhão que me consome começa a apaziguar-se assim que a tomo nos braços. Espero que ela acorde e se debata, mas continua a dormir profundamente. Sem que ela resista, aninho-a de encontro ao peito e inspiro o seu aroma, com o perfume floral a apoderar-se dos meus sentidos.

Levo-a até ao meu quarto com passo regular, para que não acorde. Gosto da Calista quando é combativa, mas esta noite preciso de a abraçar. Nem que seja para sossegar os meus demónios durante algum tempo.

Ao chegar à cama, sou percorrido por uma pontada de relutância perante a ideia de a largar. Abano a cabeça e faço-o na mesma, com a intenção de me juntar a ela. O lugar da Calista é ao meu lado.

Em todas as ocasiões.

O calor da sua pele perdura nas minhas mãos e tenho de cerrar os punhos para me impedir de lhe tocar como quero. Em vez disso, dispo-a cuidadosamente. Começando pela blusa, desaperto os botões e revelo os suaves montículos que são os seus seios e a curva graciosa da barriga. Cada centímetro da sua pele é uma tentação para mim.

Sinto a lascívia percorrer-me, como acontece sempre que vejo esta mulher. Afasto-a rapidamente e continuo a despi-la. As calças de ganga são um desafio, não apenas para as despir sem a acordar, mas porque quase lhe arranco as cuecas de renda assim que as vejo.

Posso não ser capaz de entrar na cabeça da Calista, mas ela deu cabo da minha.

Assim que ela fica vestida apenas com o sutiã e as cuecas, dispo-me até ficar completamente nu. Não tenho dúvidas de que a Calista vai ficar danada quando acordar na minha cama, pelo que estar nu não fará diferença.

Ajeito-me no colchão e envolvo-a nos braços, puxando o seu corpo para junto do meu, com as costas dela encostadas ao meu peito. O contacto físico deixa-me sossegado, assim como o ritmo gentil da sua respiração. No entanto, as marcas de lágrimas na sua face são com uma faca que me corta as entranhas.

— És minha — digo, estendendo a mão para lhe tocar, para acalmar a culpa que se faz sentir de novo. Passo os dedos pelo seu cabelo, pelo ombro e ao longo do braço, até chegar à curva da anca. — Não te vou deixar — sussurro junto à sua pele. — Avisei-te de que queria possuir-te, e agora possuo. Cada pedaço teu me pertence agora.

Paro um instante quando ela suspira durante o sono. O som é descuidado, confiante. Faz algo dentro de mim agitar-se, algo que não quero identificar.

— A tua capacidade de perdoar confunde-me, mas preciso dela — digo. — Nunca pedirei desculpa por te proteger, porque a tua vida é tudo o que me importa. No entanto, lamento ter-te magoado.

A sinceridade das minhas palavras deixa-me tão atónito como o facto de eu ter pedido desculpa, que é algo que nunca senti necessidade de fazer. Mas a Calista é muito mais do que minha amante. É a mulher com quem me preocupo.

E a minha futura esposa.

# Capítulo 4

## Calista

O estado semelhante ao sonho entre dormir e acordar é uma das minhas experiências preferidas. É um curto momento no tempo em que as minhas preocupações não me atormentam e nada mais existe além de total serenidade. É como um casulo quente que me protege do resto do mundo.

Enquanto acordo lentamente, esse conforto ameaça desaparecer. Agarro-me a ele, tentando manter-me nesse estado tranquilo mais algum tempo, mas a consciência do que me rodeia ganha terreno. Um peso pouco familiar sobre o meu flanco obriga-me a abrir os olhos.

Perscruto o quarto e percebo de imediato que esse peso pertence ao Hayden. E sou tomada de assalto pelas recordações da noite passada. As pérolas e as mentiras dele. A verdade revelada e as minhas lágrimas.

Só que não me lembro de como acabei na cama dele.

O meu corpo é percorrido por um formigueiro de alarme. Volto a cabeça devagar e fico imóvel. O Hayden está aninhado contra mim, o braço a rodear-me cintura, o rosto encaixado na curva do meu ombro. A sua respiração é um murmúrio sobre a minha pele, quente e constante. Temos as pernas emaranhadas debaixo dos lençóis e a minha carne arde onde a sua pele toca a minha. Visto que ele está nu, sinto-me como se estivesse em chamas.

Ignorando a reação do meu corpo à sua proximidade, contemplo-o fixamente. Nunca vi o Hayden desta forma e guardo esta imagem na memória sem conseguir evitá-lo. As suas feições são suavizadas pelo repouso, o seu rosto destituído das linhas duras em torno da boca, olhos e testa, o que lhe confere um semblante grave. E também insensível.

Esta expressão desprotegida fá-lo parecer acessível em vez de indiferente.

Adorável em vez de odioso.

O meu coração gagueja-me dolorosamente no peito. Sei que devia ir-me embora, não só da sua cama, como desta relação. No entanto, há uma parte de mim, *muito* tola, que quer que esta coisa entre nós funcione.

Os meus olhos fecham-se enquanto sou embalada pela sua respiração constante e pelo calor do seu corpo encostado ao meu. Não preciso sequer de me esforçar para ignorar os meus problemas e concentrar-me no homem que me segura nos braços, como se tivesse medo de me perder.

Se é que já não perdeu...

Recordo a nossa discussão e estremeço ao lembrar-me da frieza que irradiava do Hayden quando me olhou nos olhos e admitiu ser o meu *stalker*. Em vez de pedir desculpa e procurar o meu perdão, usou a minha segurança como justificação para os seus atos.

O breve momento de tranquilidade no seu abraço desaparece com o nascer do sol. Viro-me, cerrando os dedos sobre os lençóis. Dentro de mim, o ressentimento trava uma batalha com o afeto, a ponto de julgar que posso implodir.

Como se sentisse o turbilhão que me consome, o Hayden espreguiça-se. Acaricia o meu ombro e murmura algo que não consigo compreender, com exceção de uma única palavra.

*Querida.*

Os meus olhos enchem-se de lágrimas contidas e o nó que se forma na minha garganta dificulta-me a respiração. Concentro-me em não perder o controlo, inspirando profundamente e soltando

o ar devagar. Ele anula os meus esforços apertando o braço em volta da minha cintura, deixando escapar um suspiro de satisfação por entre os lábios.

Estou encurralada, presa entre ele e o peso da sua traição. Para não falar das minhas ilusões desfeitas de amor e felicidade.

A respiração do Hayden percorre a curva do meu pescoço, pouco antes de todo o seu corpo se tornar rígido. Ele levanta a cabeça e consigo sentir o seu olhar a percorrer a minha figura. É como uma carícia física. Cerro os dentes para permanecer imóvel, não lhe querendo mostrar nenhuma reação.

— Calista? — Há um fio de incerteza subjacente na sua voz, apesar da rouquidão do sono que a reveste. — Estás acordada?

Assinto, não confiando em mim para falar, mas sabendo que, se ignorar o Hayden, estarei a convidar mais complicações para uma situação já de si delicada. Não há motivo para joguinhos com um homem que se recusa a obedecer às regras.

— Olha para mim.

Não é um pedido. No caso do Hayden, raramente é.

— Não — respondo.

Solto os lençóis para lhe bater no braço com a intenção de o afastar. Assim que a palma da minha mão toca no seu antebraço, o Hayden mexe-se. Num piscar de olhos, vira-me de barriga para cima e posiciona-se em cima de mim, com os joelhos a ladearem-me as ancas e as mãos a prenderem-me os pulsos de ambos os lados da cabeça.

O ar para-me nos pulmões ao sentir a pressão do seu corpo sobre o meu e devido à expressão do seu rosto. Olho fixamente para ele, sem me deixar surpreender pela raiva que vejo. É uma breve centelha de pânico que não consigo afastar de imediato.

O Hayden permanece quieto muito tempo. Quando volta a fazer uso da palavra, a sua voz é controlada e a sua expressão novamente estoica.

— Calista, temos de falar.

Desvio o olhar, ao mesmo tempo sem vontade e incapaz de enfrentar o dele.

— Ouve-me — continua, cerrando os dedos com mais força em torno dos meus pulsos. — A droga que te deram é a mesma que foi encontrada na corrente sanguínea da Kristen Hall, bem como a que causou a morte da minha mãe. Não se trata de casos isolados, como inicialmente pensei. Todos estes acontecimentos estão relacionados.

Os meus olhos voltam-se de imediato para ele enquanto o medo torna a minha voz gélida. Procuo qualquer sinal de ambivalência na sua expressão, mas não encontro nenhum. Quando abro a boca para responder com uma negação fraca, não sai nada. As lágrimas brotam e descem pelas minhas têmporas.

O Hayden solta um som baixo e angustiado antes de me libertar os pulsos para me limpar as lágrimas. Essa demonstração de ternura só leva a que o fluxo aumente. Fecho os olhos com força para deter a torrente de emoções que ameaçam afogar-me.

— Esta droga veio de algum lado — continua —, e não vou parar até descobrir quem são o seu criador, fabricante e distribuidores. Isso pode ser a chave para fechar estes casos, ou pode não conduzir a lado algum. Seja como for, eu vou descobrir. Prometo que não escaparão.

Apesar do seu tom agressivo, afaga a parte de dentro do meu pulso com passagens gentis do polegar. Contenho um estremecimento. O toque do Hayden acalma as minhas feridas, apesar de ele abrir feridas novas com a sua proximidade.

— *Shh*, Callie. Já passou.

Inclina-se para mim e beija-me a pele húmida. O contacto quase me desfaz. Fico rígida ao toque dos seus lábios, fechando os olhos com força. A demonstração incaracterística de afeto aquece-me o coração. Esse sacaninha traíçoeiro.

— Não te preocupes — murmura, a sua respiração orlando a minha boca. Deposita um beijo em cada uma das minhas pálpebras. — Vamos ultrapassar isto.

Solto um suspiro, reconfortada pela sua força e confiança, apesar de tudo o que ele fez. A dor não desapareceu e as minhas

preocupações estendem-se para lá desta nova informação, mas há demasiadas coisas por resolver entre nós para que consiga pensar com clareza.

— Tenho de me ir embora — acabo por dizer, reunindo finalmente coragem para o encarar.

Ele abana a cabeça.

— O que é que queres? — insisto.

— Tantas coisas — responde —, mas começo por uma promessa tua.

— O que queres dizer com isso? — pergunto, franzindo o sobrolho.

— Quero que me prometas que não foges. Sei que achas que sou...

— Não sabes nada — interrompo, com a voz a subir de volume. — Confiei em ti e tu mentiste-me, Hayden.

— Para te manter viva! — O grito dele ecoa pelo quarto, remetendo-me a um silêncio espantado. — Não compreendes? Raios partam, não sobreviverei se te perder, Callie.

A sua explosão paira no ar entre nós, crua e angustiada. Ergo o olhar para ele, percebendo o tormento nos seus olhos, que os faz parecer pedras preciosas. Ele passa uma mão pelo rosto e expira com força.

— Tens razão — diz. — Já não sei nada quando se trata de ti.

— Hayden, eu...

Ele passa a mão pelo meu cabelo e agarra-me a nuca. Inclina-me a cabeça para trás com um puxão firme, obrigando-me a enfrentar o seu olhar.

— Não sais desta cama sem concordar que permites que te mantenha em segurança — diz. — Podes odiar-me, mas vais dar-me o que quero.

Aperto os lábios, sem querer comprometer-me com nada antes de pensar bem. Não fugir significa ter de estar perto dele todos os dias e, em certa medida, confiar que não me magoará ainda mais. É uma promessa significativa para se fazer.

E um risco que corro.

O Hayden liberta-me os pulsos para me acariciar a anca. Os meus pensamentos são levados como grãos de areia por uma onda do mar. Pestanejo várias vezes para recuperar a concentração enquanto ele me contempla com olhos brilhantes de determinação e desejo.

Persuasão por meio de sedução.

Haverá coisa mais mortífera?

Quero ir ao encontro do seu toque, fundir-me nele até esquecer a desilusão e não haver mais nada entre nós senão prazer. Preciso de cada pedacinho da minha força de vontade para me manter imóvel, mas isso não impede o meu corpo de reagir ao dele. Acende-se um calor onde quer que os seus dedos rocem a minha pele. A minha respiração falha e os meus seios ficam pesados, com os mamilos a endurecerem e a implorarem pela sua boca.

A sua necessidade da minha submissão está escrita na sua expressão, em cada pedaço da tensão que lhe toma o corpo. Coloca-se sobre mim para mergulhar a mão entre as minhas coxas. A minha respiração acelera assim que sinto o seu polegar roçar-me o clítoris através das cuecas.

Ele baixa a cabeça para me morder a orelha antes de passar a língua sobre a sua orla.

— Espero o tempo que for necessário.

Levo as mãos ao meu peito e os músculos que sinto contraem-se ao meu toque. Ele é tão afetado por mim como eu por ele. Não se trata de uma revelação, mas é algo que me fortalece.

— Quero uma coisa primeiro — respondo.

Ele levanta a cabeça, franzindo o sobrolho com ceticismo.

— Não estás em posição de negociar, a menos que uses o teu corpo como garantia.

Puxa as minhas cuecas para o lado e introduz dois dedos em mim. Não evito um gemido, que enche o espaço entre nós. Enterro as unhas no meu peito para o impedir de me levantar as coxas e entrar ainda mais fundo.

O Hayden eleva um canto da boca num sorriso trocista.

— Menina Green, queres explicar-me como consegui introduzir os dedos com tanta facilidade na tua cona apertada?

Abano a cabeça.

— É porque estás ensopada — continua. — Podes pensar que me odeias, mas o teu corpo diz o contrário.

— Hayden — digo num fio de voz, sem a convicção necessária para lidar com este homem. — Não.

— Não o quê? — Curva os dedos, fazendo-me ser percorrida pelo prazer. — Não... paro? Diz-me o que queres, Callie.

Começa a fazer movimentos de vaivém. O meu orgulho trava uma batalha contra a luxúria que sinto. Amoleço debaixo dele e um gemido baila-me na ponta da língua. Sei assim que ele o ouve. Os seus movimentos aumentam de velocidade, com tanta força que me levantam as ancas.

— Promete-me — insiste ele.

— Também quero uma coisa.

— Isto não é suficiente para ti? — Introduce um terceiro dedo, alargando-me. Sorri quando arquejo de prazer. — Talvez prefiras a minha pila.

— Não — minto. — Quero que pagues os meus estudos quando eu voltar para a faculdade.

— Feito.

Fecho as coxas com força, mas isso não o detém. Se tanto, torna-se mais ríspido e mais insistente em fazer-me vir.

— Quero ir até ao fim, Hayden.

— Com certeza — responde com um sorriso trocista.

Solto um gemido ao ouvir a insinuação. Não tenho forças para o enfrentar quando me fode com os dedos.

— Quero ir para Columbia. — Assim que ele concorda, atiro: — Está bem, prometo.

Os olhos dele brilham de triunfo e fome. Esmaga a boca contra a minha num beijo incendiário e os seus dedos conduzem-me incessantemente ao limite do êxtase. Qualquer pensamento racional desapareceu, substituído pelo Hayden e pela necessidade

que sinto dele. O meu orgasmo chega quando me entrego às exigências do meu corpo, e desfaço-me nos seus braços. Ele aperta-me de encontro a si, observando-me com uma intensidade quase maníaca.

— Nunca discutas com um advogado. Não vais ganhar.

# AGORA QUE ÉS MINHA, TUDO FAREI PARA TE PROTEGER.

Hayden está convencido de que Calista corre perigo, e só essa ideia é o suficiente para o deixar (ainda mais) fora de si. A segurança dela será sempre a sua prioridade, mesmo que para isso ele tenha de cometer alguns excessos e fazer coisas com que ela provavelmente não irá concordar.

A ligação entre os dois é cada vez mais forte, mas Calista sabe que quanto mais se aproximar daquele homem, mais as coisas se poderão complicar. E embora considere que os sentimentos dele são genuínos, também sabe que existem ainda muitos segredos por revelar.

Conseguirá ela suportar toda a verdade sobre Hayden?

A CONCLUSÃO  
DO DUETO  
*POSSESSING HER*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-253-8



9 789895 832538